

Simá: o (não) lugar da ficção amazônica na historiografia do romance brasileiro

Mestrando Amilton Queiroz¹ (UFAC)
Prof. Dra. Simone Lima² (UFAC)

Resumo:

Este trabalho objetiva apresentar os resultados parciais da pesquisa de mestrado realizada sobre a narrativa *Simá - Romance Histórico do Alto Amazonas* (1857), de Lourenço da Silva Araújo Amazonas. Como *Simá* foi publicado em 1857, mesmo ano da publicação de *O Guarani*, de José de Alencar; apresentaremos algumas hipóteses sobre o silenciamento/apagamento dessa produção nos compêndios da Literatura Brasileira, a exemplo da ausência de uma crítica literária voltada ao estudo do imaginário cultural amazônico, como parte do amplo imaginário cultural brasileiro. Logo, nosso intuito é discutir o lugar da ficção amazônica na historiografia do romance brasileiro.

Palavras-chave: Romance, Amazônia, cânone, imaginário, identidade.

Introdução

Este ensaio retoma parte das reflexões de uma investigação ampla sobre o imaginário amazônico e a historiografia literária brasileira. Por isso, será apresentada, aqui, uma das facetas de pesquisa que dirigem nossas investigações no GAEL – *Grupo Amazônico de Estudos da Linguagem*: qual seja, o (não) lugar da ficção amazônica na historiografia do romance brasileiro. Para discutir a temática do *Simpósio romance e história: circulação e margens*, elegemos um texto produzido na segunda metade do século XIX, e não conhecido por muitos acadêmicos de Letras ou mesmo professores de Pós-Graduação dos grandes centros urbanos do Brasil. Esse desconhecimento é resultado de uma postura de silenciamento da historiografia brasileira frente à narrativa amazônica *Simá – Romance Histórico do Alto Amazonas* (1857), de Lourenço da Silva Araújo Amazonas.

Aliás, poucos sabem que a narrativa amazônica insere-se dentro do projeto de formação da identidade nacional, quando do romantismo brasileiro. Ao fazermos uma afirmação dessa natureza, não queremos forçar/forjar a supervalorização do romance *Simá* em detrimento de *O Guarani*, de José de Alencar, texto que também foi publicado em 1857. Tencionamos, ao contrário, refletir sobre os movimentos de circulação e inserção do gênero romanesco no século XIX na formação do imaginário cultural da Literatura Brasileira, partindo de uma leitura aberta que fuja ao pensamento cartesiano que a tudo hierarquiza e organiza na pretensão de vivenciar somente o homogêneo ou o que está no centro. Efetivamente, ensaiamos a perspectiva do heterogêneo e do plural dentro da constituição da historiografia do romance brasileiro, com a finalidade de trazer para a cena literária obras que ficaram à margem do cânone brasileiro.

Nesta linha de raciocínio, *Simá* é uma narrativa que nos permite discutir o alargamento das fronteiras do que concebemos por cânone enquanto um lugar de integração de outros imaginários da cultura e (re) signifiquemos qual seja o papel das margens na reconfiguração do cânone brasileiro. Cabe, ainda, enfatizar que faremos uma discussão sobre o romance histórico que se deixa delinear em *Simá*, explorando a ambiência cultural do imaginário amazônico do período da colonização portuguesa na Amazônia. Eis esboçadas as questões que o leitor encontrará neste fragmento de pesquisa sobre o imaginário amazônico na ficção brasileira.

¹ Professora do Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade.

² Discente do Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade.

1 As tessituras romanescas da ficção *Simá* (1857)

Quem, dentre os leitores brasileiros, já leu ou conhece a narrativa ambientada na Amazônia *Simá – Romance Histórico do Alto Amazonas*, do baiano Lourenço da Silva Araújo Amazonas? Não é de estranhar se a resposta for negativa, visto que o texto amazônida não aparece referido nos compêndios de Literatura Brasileira. A hipótese levantada é que houve o silenciamento/apagamento da memória literária quanto à existência desse imaginário que se revela através de uma ficção que encena, dentre outros aspectos, a cultura indígena como símbolo de brasilidade e mostra um autor como pertencente aos círculos da intelectualidade de sua época.

A propósito, é bom enfatizar que Lourenço da Silva Araújo Amazonas nasceu no dia 4 de maio de 1803, na Bahia. Foi oficial da Marinha Imperial, exercendo a função de capitão-tenente na Comarca do Amazonas. Realizou, como etnógrafo, a descoberta de mais de duzentas tribos que já estavam desaparecendo do vale amazônico. O resultado desse trabalho foi a confecção do *Diccionario topográfico, histórico e descritivo da Comarca do Alto Amazonas* (1852) – obra, hoje, raríssima que se encontra nos anais do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. E, cinco anos depois, seria publicado, também em Recife, o romance histórico *Simá*, objeto de análise desse texto.

Sabedores de quem foi Lourenço Amazonas, torna-se fundamental entender o enredo que se deixa revelar ao leitor que intenta compreender os movimentos culturais do imaginário amazônico romaneados nessa produção artística. Optando por apresentá-la ao público-leitor brasileiro, faremos uma exposição dos acontecimentos narrativos de *Simá* para, em seguida, iniciarmos o debate sobre o (não) lugar da ficção amazônica na historiografia do romance brasileiro. Adotamos essa postura metodológica por pensarmos que é função do estudioso da Literatura esclarecer os procedimentos de leitura com que lida para agenciar um discurso crítico sobre a obra analisada. Passemos, então, ao romance.

Composto de vinte e dois capítulos e um epílogo, o romance histórico *Simá* desenvolve-se em torno das peripécias do índio manau Marcos/Severo, a personagem principal da narrativa, em seus constantes deslocamentos pelo sítio do Taperá e do Remanso – espaços amazônicos em que a narrativa transcorre. O leitor já pode observar que é uma personagem que atende por dois nomes e se movimenta por dois espaços ficcionais que terminam por conferir a essa personagem distintos papéis sociais a partir dos lugares da cultura em que transita. Apresenta, igualmente, uma extensa galeria de personagens inseridas, respectivamente, na cultura portuguesa e indígena, encenando, em especial, a construção de um sujeito ficcional que se metamorfoseia em duas práticas discursivas e culturais do sistema histórico de que faz parte: a Amazônia no auge de seu processo de colonização (século XIX) pelos portugueses. Marcos simboliza um sujeito histórico dividido entre o mundo europeu e o indígena, assumindo, desse modo, dois imaginários culturais que se revelam através de seu corpo físico e mental que se movimenta pelos trópicos amazônicos.

Podemos entender, ainda, que esse sujeito duplo e dividido vive uma crise de identidade, ou por que não falar em identidades, já que não há mais espaço para pensarmos em identidades essencializadoras, donas de si, mas que elas mesmas se interrogam e imprimem o elemento híbrido marcado pela coexistência de dois ou mais sujeitos em um corpo cultural que se modifica a partir do lugar da cultura em que se inscreve e mostra a outra face da massa corpórea que se molda de acordo com as circunstâncias vivenciadas. Essa questão torna-se mais legível se analisarmos o duplo comportamento da personagem Marcos/Severo.

Inicialmente, inscreve-se no mundo indígena, pactuando das mesmas práticas ritualísticas, sociais e culturais que dirigem a vida em coletividade da tribo manau, depois, transforma-se num rico comerciante, assumindo uma posição sócio-cultural idêntica à dos brancos. Entretanto, seu corpo e gestos revelam traços do imaginário indígena. Nessa condição, a personagem assume a função de exploradora dos indígenas que habitavam no sítio do Taperá e do Remanso. Este é apenas um dos vários pontos que nos chamam atenção na sintaxe histórica do romance *Simá*. Finalmente, o índio Marcos/Severo deixa de lado os preceitos culturais dos nativos para viver sob a moral portuguesa que supervalorizava aspectos como a honestidade, bondade e responsabilidade.

Até passar por esse processo de transformação, Marcos/Severo era tido como um bárbaro e, à medida que aceita os atributos morais pregados pelos portugueses, verte-se ao mundo cultural europeu, passando a endossá-lo como prática predominante em sua vivência no espaço amazônico. Noutros termos, a personagem negocia sua entrada no mundo do branco, assumindo estratégias de violência típicas do homem civilizado passa a trair seu povo.

1.1 O entre-lugar do romance e da história na narrativa *Simá*

O romance e a história são práticas culturais que revelam a atitude humana diante do conhecimento. Descortinam, dessa forma, universos que se ligam, mas que também se distanciam pelo viés da aplicação de seus respectivos princípios de organização e apresentação da matéria narrada. Em outras palavras, os movimentos de fraturas epistemológicas denunciam-se pelo agenciamento da experiência do romancista e do historiador. A propósito, segundo Miranda:

Romance e história são resultados da atividade do espírito humano que respondem, sempre, cada uma em suas circunstâncias e segundo os códigos que lhes são próprios, às necessidades do tempo presente. O objeto da história é o passado. É a história que faz vir ao presente o que já não está mais aí. O objeto do romance é a imaginação do homem. É ele que traz ao nosso presente o que jamais esteve aí (MIRANDA, 2000, p.17).

Os aportes desses esclarecimentos apontam para a relação estabelecida entre a história e a literatura. Quando trabalhamos com esses discursos, precisamos delimitar campos de atuação de cada um dos mecanismos de encenação do referencial teórico. Levando a discussão mais adiante, podemos entender esses mecanismos através da investigação do imaginário cultural amazônico, partindo da interface da história e da literatura dentro do universo romanesco de *Simá*, cujo foco discursivo, poderíamos dizer, recai sobre o papel do historiador e do escritor. Temos, assim, a oportunidade de observar quais estratégias são executadas pelo artista da palavra, quando do processo de romanceamento de fatos historiográficos da cultura amazônica.

Concebido por Márcio Souza como um romance indianista³, *Simá* é tecido de relações históricas que envolvem o processo de contato do nativo com a metrópole portuguesa. Lendo essa narrativa, encontramos um levantamento meticuloso acerca das visões históricas sobre o caboclo amazônico, seu modo de viver tribal e sua desintegração diante do triunfo do colonizador europeu. A colonização portuguesa, nos trópicos amazônicos, é analisada pelas malhas da ficção construída por Lourenço Amazonas. Estamos, portanto, diante de um texto que se encontra na interface da ficção e da história, pensados, aqui, como textos que revelam leituras distintas de um mesmo fato, mas que se intercambiam e se completam, se fizermos um balanço das redes de contatos estabelecidos entre os procedimentos de apreensão da cultura amazônica.

Construído sob dois painéis de imagens históricas e literárias, o primeiro capítulo de *Simá* conduz-nos ao movimento do entre-lugar da história e do romance; ou seja, somos inseridos nas fronteiras do discurso de um campo que se constrói pela imagem do passado, a história, e de outro lado, identificamos um plano narrativo cuja base é o rompimento de territórios fechados a ponto de instaurar uma diversidade de imagens sobre a matéria histórica; temos, sob essa ótica, o delineamento da esfera da literatura. Inclusive, é possível entender que essa postura de escrita instaurada é resultado do entrelaçamento da memória histórica sobre o imaginário amazônico. Na intenção de compreender melhor essa questão:

Supondo-vos em viagem no Amazonas. A vossos olhos deslumbrados se ostentam majestosas de um e de outro lado suas margens, guarneçadas de elevado arvoredado, que por efeito de sua densidade, como duas muralhas de verdura se estendem até o horizonte. Este aspecto, apenas interrompido por algumas insignificantes colinas, que todavia guardam entre si distâncias de dezenas de léguas, importam a monotonia, que cresce de ponto na estação do inverno, ou enchente do rio, quando

³ SOUZA, Márcio. *A expressão Amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo*. Alfa-Omega, São Paulo, 1977.

pouco, ou contrário o vento, e excessiva corrente, sois obrigados muitas vezes a avistar ainda um mesmo objeto durante oito dias consecutivos (AMAZONAS, 2003, p.13).

Como falamos acima, temos delineado o primeiro quadro imagético presente em *Simá*: o deslizamento do pincel narrativo pelo campo da história. Convidando o leitor para entrar nas malhas do discurso histórico, o narrador logo contextualiza o espaço amazônico para abrir caminhos sobre o imaginário historiográfico construído acerca das concepções de paraíso e inferno – imagens predominantes na invenção da cultura amazônica. Conforme avançamos a leitura dos enunciados, identificamos, ainda, um olhar inscrito na história sobre a monotonia de um espaço cultural cuja base de sobrevivência encena a prática de navegar pelos rios amazônicos. Não obstante, é latente a ausência, nessa passagem, de um maior aprofundamento dos fatos, pois é como se fôssemos arrastados pelo agente do narrar para dentro do universo histórico arquitetado mediante a redação de cada parágrafo do texto. Só conseguimos entender os movimentos históricos presentes na narrativa, ao estarmos envolvidos na trama da história e da ficção, quer dizer, somos dirigidos por um narrador que se insere no entre-lugar do romance e da história.

A entidade narrativa, após sugerir uma viagem pelo Amazonas, imprime uma mudança no primeiro cenário que constatamos acima. Faz isso ao dizer:

se porém essa monotonia é quebrada por algum objeto, que não apenas as colinas, ou alguma povoação, fazenda, ou casa, isto é, pela interrupção da disposição, senão sistema daquelas margens, se apercebeis um arvoredor, não tão elevado e frondoso, porém mais novo, e de nuances mais pronunciadas, entre o qual se recomendem a vista árvores de qualidade bem diferente, que por si mesmas se denunciem plantadas pela mão do homem; e disso impressionado pedis a vosso guia uma explicação? Ele vos responde: “É uma tapera”. Tapera é em língua típica (conhecida no país por língua geral) as ruínas de uma povoação, fazenda ou casa, invadidas pelo mato (AMAZONAS, 2003, p.13).

Esse duplo movimento diante da paisagem amazônica aponta à memória histórica do período colonial da história brasileira. Se estivermos atentos ao quadro narrativo que nos fora delineado anteriormente, perceberemos que, ali, o espaço se caracterizava pelo imobilismo, sem qualquer interferência humana. Em contrapartida, instala-se, na segunda tela, um ambiente narrativo que, por meio de uma linguagem eufemística, produz uma modificação da paisagem a partir de uma quebra da perspectiva narrativa. Por sua vez, somos inseridos no lugar histórico da função da língua geral amazônica no século XIX, nos trópicos amazônicos. Mesmo não dizendo isso abertamente ao seu leitor, divisamos um olhar voltado à análise da situação de bilingüismo vivido pelo caboclo e tapuia que habitava a região amazônica e que teve suas línguas vernáculas dizimadas pela política pombalina, ao incentivar o domínio da língua portuguesa como idioma oficial da nação brasileira. Assumindo, outrossim, a voz de um típico nativo amazônico, o narrador agencia sua experiência histórica para explicar o significado da palavra tapera; entretanto, ao fazer esse movimento, já insere sua leitura de mundo sobre o imaginário indígena. O que nos permite divisar, então, duas posturas diante da história amazônica: um que se institui sobre a coletividade e que, portanto, revelará o papel das comunidades que habitam os rios amazônicos. E, de outro lado, os processos de atuação da metrópole portuguesa para modificar as práticas culturais dos autóctones através da inserção do sentimento de individualidade com a introdução da figura dos colonos no cenário amazônico.

Os fatos históricos comparecem à narrativa de forma bem lenta para que o leitor tenha a oportunidade de perceber que o primeiro plano do romance *Simá* encontra-se inserido no domínio da história. Nesse sentido, trazemos, novamente, as palavras do narrador para dizer que:

A antiga perseguição dos muras⁴ que aos primeiros estabelecimentos portugueses importou horroroso flagelo, e a praga do carapanã, outro, senão fatal, não menos incômodo, obrigando as povoações e estabelecimentos rurais a contínuas mudanças, ocasionaram as taperas, que em outro tempo se notavam no Amazonas e Solimões; e modernamente a revolução de 1835 motivou outras, em número crescido, quanto indeterminado, assim no grande rio, como em seus afluentes, cuja vista ainda hoje desperta doloríssimas recordações, porquanto de seu objeto se ressentia a humanidade. Já sabeis pois o que seja “uma tapera”, e como Sant. Pierre possui, não direi a extravagância, por cortejo a vós; mas toda outra qualquer coisa importe a excentricidade de achar prazer nas ruínas, aí tendes o tema (AMAZONAS, 2003, p.14).

Os períodos sintáticos que lemos acima nos contextualizam o universo histórico de que parte a escrita de Lourenço Amazonas: a Amazônia no século XIX. O que se depreende desse artifício é o trabalho com a matéria histórica pertencente ao imaginário amazônico que retoma um fio de discursividade estendido desde o processo de colonização portuguesa. Conforme sabemos, os lugares da memória são preenchidos por meio da retomada de imagens que sempre voltam à cena, mas que trazem consigo outro discurso que problematiza temas e estruturas compactas para desestabilizá-los e desnaturalizá-los no novo imaginário produzido pelo artista em sua obra de arte. Vemos, nessa direção, que o narrador em questão não atenua sua prática histórica, afirma que seu tema é, decididamente, histórico. Inclusive,

No princípio do século, que corre (século precisamente das mais belas pinturas) podia-se ainda observar uma tapera no rio Negro, pouco acima da freguesia de Santa Isabel, numa formosa enseada ao lado da Jupurânia, onde o rio, impetuoso, como é, daquela freguesia para cima, faz um grande e pacífico remanso (AMAZONAS, 2003. p. 14).

As palavras do narrador denunciam o transcorrer de um tempo que mostra um revelo de instâncias históricas marcadas por mudanças de cenários no mundo amazônico. Os espaços de que fala (o rio Negro e Santa Isabel) já não são os mesmos do início do século XIX, o que teria acontecido com esses lugares que conservam, num primeiro momento, o *status* de um jardim, mas que, depois, têm sua paisagem alterada pela ambição colonialista da metrópole, revelando-se um inferno? As indagações tornam-se possível mediante as indicações dadas pelo próprio enunciador da narrativa. Aliás, as sugestões fornecidas por aquele que agencia o discurso narrativo nos convidam a pensar que tempos históricos são articulados nessa mudança que aconteceu na Amazônia. Noutros termos, apontam às injunções históricas envolvidas no processo de colonização da metrópole portuguesa, sendo essa uma postura constante no trajeto de escrituração de *Simá*.

O leitor do texto amazônico é envolvido numa teia narrativa conduzida por fatos que se auto-explicam, tendo a oportunidade de observar as malhas discursivas do narrador, quando pontua que:

E alguns anos ainda antes podia-se perceber na grenha da tapera, além das ruínas de algumas casas, os traços de um jardim, e pela disposição de árvores frutíferas, como laranjeiras rumeiras, limoeiros e algumas alamedas: o que tudo induzia a concluir, senão a grandeza daquele antigo estabelecimento, ao menos e incontestavelmente o gosto e esmero de quem em época tão remota se dera ao trabalho, que apenas aparece imitado em 1810 pelo governador Victorio em seu horto botânico de Tarumã. Mas quem foi então, tão perto ainda da infância do alto Amazonas se deu a tarefa fabulosa? É o que ninguém se quis incumbir de ponderar: não porque nenhuma pena se não tenha aparado em Mariuá para descrever uma ocorrência desastrosa, na qual precisamente figuram os infelizes habitantes do Remanso: mas sim porque o pequeno a ninguém interessa: nem a heroicidade com que sustenta a vida, que a Providência lhes impôs, como uma provanca, nem a

⁴ Esse termo aparece explicado no final do romance *Simá*. Para melhor compreender a questão, transcrevemos o significado: Muras: nação indígena do Amazonas, Solimões e grande parte de seus afluentes em sua proximidade (Amazonas, 2003, p. 361).

desgraça, que dela o priva, quando por sua resignação, coragem e trabalho a tornara tão bela a importar-lhe o prêmio de sua virtude (AMAZONAS, 2003, p.14-15).

Temos aí narrado o ponto que encaminha à confirmação de que é no viés da história que *Simá* se insere enquanto um texto híbrido que traz em sua constituição elementos historiográficos e literários. Para confirmar nossa hipótese, é bom ler o esclarecimento dado pelo orquestrador das personagens do romance em tela:

Apercebe já pois nosso leitor, que tratamos da revolução de Lamalonga de 1757, que se procurou explicar pela alteração odiosa de um fato de pequena significação comparativamente com o que se chamou suas conseqüências: isto é, onde nenhum de seus naturais havia ainda lido nem a *Ilíada* nem a *Eneida*, para saberem, por causa de uma bela se queimara uma cidade, houve um Menelau, genuinamente Manaus, que a despeito da pretensão (não de nossa parte) da indiferença dos indígenas pela união dos sexos, contraditoriamente fundada na autoridade de Montesquieu (*Exprit des Lois*, L.14, cap. 2.º) devastou, incendiou nada menos de três povoações pela simples pretensão da parte de um sacerdote para separação de seu amante. (AMAZONAS, 2003, p.17).

Conclamando o leitor para os eventos narrados, identificamos que são trazidos outros episódios da história da Amazônia para o universo do romance, quando o narrador enfatiza a destruição de Lamalonga, fundada pelo principal deste mesmo nome, por haver se separado de Cabacabari, principal de Bararóá; *Lamalonga* era uma antiga aldeia de Dari. Ficava localizada entre as povoações de Santa Isabel e Bararóá, Lamalonga tornou-se conhecida quando explodiu a revolução de 1757, arquitetada pelos jesuítas, na intenção de expulsar os portugueses da região amazônica. Sabedores disso, é fundamental também entender a configuração de *Caboquena* - uma povoação localizada à margem direita do rio Negro. O nome desse espaço deve-se ao seu principal que morreu na Rebelião de Lamalonga de 1757. E, finalmente, a terceira povoação, conhecida como *Bararóá* cuja localização fica entre as povoações de Lamalonga e Caboquena. Foi, também, reduzida a cinzas. Feito um balanço rápido desse aspecto, encontramos, em *Simá*, um narrador que esclarece, mostra, encaminha as ações romanescas para a coerência interna da obra amazônica.

Ao tecermos esse percurso longo, mas necessário, queríamos chegar ao ponto em que o narrador esclarece, textualmente, os níveis discursivos em que está inserido, para apontar que:

Passaremos agora socorrendo-nos da História, que nos diz, que foi aquela época precisamente do maior movimento e animação do alto Amazonas, não só porquanto já fica expendido, como ainda pela reunião das Partidas e Demarcações, portuguesa e espanhola, e ultimamente pela questão entre o governo da metrópole e a Companhia de Jesus, que fizeram o alto Amazonas a liça de sua renhida luta, a qual desfechou inesperada e assombrosamente o completo extermínio da última: socorrendo-nos pois de tudo isso ponderaremos a incapacidade, a insuficiência e a incoviniência dos indígenas para um procedimento tão anômalo, do que fácil é duzir por todo corolário o seguinte dilema – ou o alto Amazonas era ainda tão selvagem, para indiferente a circunstâncias tão transcendentais não enxergar senão a conveniência de um estúpido capricho, dando inconcebível importância a insignificante questão dos amantes de Lamalonga, ou existia com efeito tramada uma revolução, para cuja exposição se serviram arteiros da suscetibilidades dos indígenas por aquela ocorrência, arrastando-os a compromettimentos, que lhes atraíssem o desforço das leis. (AMAZONAS, 2003, p. 17-18).

Em conformidade com o discurso que acabamos de ler, deveríamos pensar *Simá* como um texto inscrito no âmbito da história amazônica. Os apontamentos do próprio narrador simulam um fincar de raízes somente no campo da memória histórica, quando traz para a cena ficcional a Revolução de Lamalonga, além de não perder de vista os movimentos de incompreensão entre as coroas portuguesa e espanhola. Temos a impressão de ficarmos no terreno da história e identificarmos os ensinamentos de Aristóteles em sua *Poética*, quando nos instrui que o

historiador⁵, ou a história, escreve o que aconteceu. Precisando mais a questão, poderíamos dizer a história endossa a perspectiva da reafirmação do que se realizou no plano político e social. Em linhas gerais, seria essa a tarefa do historiador. Embora seja esse clima histórico que predomine em todo o primeiro capítulo de *Simá*, o último parágrafo em que o narrador se expressa é bem claro, pois:

Concordando porventura o leitor, em que tudo isso pode ser muito bom, muito bem pensado, e, mais impaciente pelo romance, talvez pergunte – e *Simá*? O romance? O que têm os jesuítas, a metrópole e seus cidadãos indígenas com *Simá*? Muito, amado leitor, muito. A parte romântica acha por tal forma entrelaçada com a histórica, que não pode ser de outra maneira. É uma completa fusão, se assim admitis. Atento ao que deixamos dito, não preciséis muita perspicácia com que tenhais reconhecido *Simá*, a Helena do rio Negro na amante de Domingos de Dari. Helena na comparação que tão-somente pode admitir, como a mulher, de que se fez pretexto para o incêndio das povoações do rio Negro; e em nada mais, pela diferença entre a esposa adúltera de Menelau, e a virgem inocente de Dari.

Jogando com essa estratégia, o narrador insere-nos no entre-lugar da ficção e da história. Aliás, podemos refletir, com Aristóteles, sobre a figura do romancista. Teria a narrativa ficcional a função de endossar os pressupostos da história? Ao que parece, não, pois têm estatutos de constituição distintos, o que nos permite entender que o romancista enfatiza o que poderia ter acontecido. Enfim, ao trazer para o discurso ficcional fatos da história amazônica, Lourenço Amazonas consegue ultrapassar a esfera do que aconteceu para se inserir nas fronteiras do que poderia ter acontecido, articulando o gênero romanesco como uma ferramenta de transpor as balizas da localidade do imaginário amazônico e se projetar como um homem de seu tempo que reflete sobre as questões que atravessam a produção artística de autores da literatura mundial. Na seção a seguir, desenvolvemos essa perspectiva.

2 O instinto de nacionalidade⁶ no (não) lugar da Literatura da Amazônia

Entendidas as tessituras romanescas de *Simá* e sua inscrição no entre-lugar do romance e da história, convidamos, agora, leitores e ouvintes desse artigo para, juntos, pensarmos o mosaico narrativo do imaginário brasileiro e mundial resgatado por Lourenço Amazonas, permitindo-nos tomá-lo, inclusive, não sob o rótulo do regionalismo⁷, mas percorrer o caminho narrativo de um artista da palavra que reflete sobre as questões histórico-literárias do século XIX. É importante, desse modo, partimos da vereda de pesquisa mostrada por Ligia Chiappini, para quem:

É preciso, então, ultrapassar o critério conteudístico e levar em conta o modo de formar, observando como certas obras, para além do assunto regional, buscam harmonizar tema e estilo, matéria-prima e técnica, revelando, mais do que paisagens, tipos ou costumes, “estruturas cognoscitivas” e construindo uma verdadeira linhagem: da representação/apresentação dos brasileiros pobres de culturas rurais diferenciadas, cujas vozes se busca concretizar paradoxalmente pela letra; de um grande esforço em torná-los audíveis ao leitor da cidade, de onde surge e para a qual se destina essa literatura (CHIAPPINI, 1994, p.668).

Inscrita na linha de desmistificação dos estereótipos e das visões reducionistas sobre o regionalismo, Chiappini nos convida, num primeiro momento, para pensar a obra literária como um sistema de representação cultural constituído por meio do entrelaçamento de imaginários literários que predominam em uma época. E, finalmente, tomar o escritor não como um homem localizado,

⁵ ARISTÓTELES. *Arte poética*. Tradução Pietro Nassetti. Martin Claret, São Paulo, 2006.

⁶ Ensaio escrito em 1872, em que Machado de Assis nos coloca a problemática da identidade literária brasileira, partindo de uma reflexão sobre a constituição da narrativa, poesia e teatro brasileiro.

⁷ CHIAPPINI, Ligia. *Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura*. Disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/170.pdf>

mas sim um indivíduo que vive seu tempo histórico e reflete sobre temas e formas que estão em voga no círculo intelectual de que participa.

Escrito com o sugestivo nome de *Questões de Limites*, o quinto capítulo de *Simá* será nosso ponto de ancoragem para entendermos quais sejam os imaginários históricos e literários pontuados pelos meta-discursos das personagens Régis, o vilão do romance, e seu amigo Loiola, quando discutem o processo de composição da narrativa literária. Sem deixar de compreender também o cadenciamento discursivo feito pelo narrador, ao penetrar na consciência dos agentes da narração para emitir seu posicionamento sobre os rumos da Literatura, conforme acontece no momento em assume a voz de Régis para enfatizar que:

Não precisa (dizia ele) desempoar as estantes das velhas bibliotecas, e tão pouco a força de um galego para compulsar os tremendos infólios: é entre nós mesmos, é nosso próprio fôlego, que temos abertas as páginas, que nos habilitam a brilhar no romance. Que lições não se podem estudar em um sarau!...oh em um sarau! naquela atmosfera tépida da transpiração de tão mimosos corpinhos, embalsamada...

- Cáustico maçador! (interrompeu Loiola, franzindo as sobrancelhas, enrugando a testa, e pestanejando rapidamente) Não porás termo a tanto disparate? ou de que têmpera presumes que seja paciência, que não pensas com ele cotejá-la? (AMAZONAS, 2003, p. 82)

Esse cenário montando por Lourenço Amazonas nos permite perceber uma retomada da questão das bibliotecas como símbolo de manifestação de uma tradição literária e os saraus enquanto espaço propício para observar os belos cenários de declamação de poemas, além das reuniões literárias de que participam os intelectuais para discutir os rumos da produção artística no mundo da Literatura. Ao retomar esses lugares da memória, Amazonas consegue montar uma rede narrativa que se liga ao extenso imaginário sócio-literário predominante nas bordas e centros do século XIX. Pela caracterização da cena literária construída no quinto capítulo da obra em estudo, Régis e Loiola são personagens que desempenham a função de discutir os rumos da ficção através das análises que fazem sobre a literatura moderna e romance.

Para estudarmos esse aspecto, é necessário prestarmos atenção aos quadros narrativos correntes no imaginário cultural da segunda metade do século XIX - oportunidade em que Lourenço Amazonas apresenta-nos em *Simá* dois sujeitos ficcionais que se debruçam sobre as questões do romance, abordando, inicialmente, o aspecto do tempo narrativo:

(Loiola) – Embora. Revolta-me que seja ele a página aberta, como pretendes, para o estudo da moderna literatura. O que é um baile? É o emprego de apenas algumas das 24 horas em que diariamente se nos escoa a vida.

(Régis) - Embora, também direi eu: mas estas quantas horas são precisamente aquelas, para cujo feliz gozo se envidam as demais 24 horas, em que trabalhosa e inspidamente se nos escoa a vida.

(Loiola) E todavia não me conformarei jamais, que seja o baile o emprego do tempo, o mais profícuo para o estudo das virtudes, que tanto encareces, até as mais humildes classes da sociedade; principalmente porque não são estas a que lá vão, se se prescinde de algum quidam, que havido o cartão indiretamente, mediante uma casaca, e um par de luvas, habilita-se a confundir-se, e praticar com pessoas, que o não conhecem, e os quais tanto impõem, que a si próprios se desconhecem. Por que há de ser num baile, mas do que no interior de uma família, que se devam estudar praticamente as virtudes sociais? Que lição mais tocante do que o quadro sublime de uma família a braços com a dificuldade de repartir entre si um mesquinho pão; e a notícia de um parente, ou amigo na necessidade, ou o som do cântico mendicidade, entoado por um pobre à porta, pronta e generosamente se parte, sem a menor atenção aos protestos veementes de tantos estômagos esfomeados (AMAZONAS, 2003, p. 82-3).

Transpondo o debate que acontecia sobre os rumos do romance para o nível narrativo, Lourenço Amazonas mostra-se um autor afinado com as discussões presentes no imaginário

literário. Essa primeira tela narrativa nos insere nas incursões feitas por Régis e Loiola sobre os procedimentos da composição do gênero romanesco, o que chama atenção é a maneira sutil com que Loiola desconstrói as visões telúricas de Régis, pois este não tem um discurso preciso quanto às suas concepções da moderna literatura. Desse modo, o regatão português é facilmente manipulado pelo sagaz Loiola, quando discute, profundamente, os limites de confecção de uma narrativa. Inclusive, se observamos os discursos de Régis, constatamos que eles são bem pequenos em relação aos de seu amigo. Como podemos ler:

o que vemos? Principiam logo por arranjar a sua heroína, nunca maior de 15 anos, como se com mais do que isso não servira! Ainda fora bom, que aí ficassem, que não a desnaturalizassem, isto é, que não fizessem dela um monstrozinho tão furioso? Com efeito: quanto discernimento, quanta tática, quanto tento em uma intriga amorosa, que melhor do que isto, mais arteiramente se não houvera uma trintona lisbonense, pressentindo escapar-lhe a borboleta! Se bate a porta um jovem, é ela quem primeiro aparece como por um acaso. Se reza, é no álbum de seu amante: porque aquela menina de quinze anos já não tem outra religião, que o seu namoro. Se lhe interpela, uma universidade inteira em seus gerais não se desempenhara mais espirituosa, picante e maliciosamente! E não obstante os seus 15 anos, em um assomo de ciúme, ou em um rasgo de romântica generosidade a boa menina já propina a si mesma um veneno admiravelmente! Que menina!!! Ora quanto os tais rapazotes envidam em encarecimento de sua heroína, prejudicam as demais personagens. Em uma mãe carinhosa, que se há perfeitamente desempenhado na educação de seus filhos, e na felicidade de toda sua família, pelo que há feito jus devida consideração na sociedade, não lhe ponderam mais do que sua habilidade em fazer bolos e papas. Um pai extremoso, que sua casa há convertido em santuário para adoração de sua filha, é ponderado apenas por comer como um alarve, e roncar, como um porco, a dormir. A vida, segundo eles, não pudera ser mais efêmera: porque, prescindindo da idade, ou antes do período do namoro, o restante não serve mais do que para comparação, como os escuros de um quadro serve para sobressair o objeto, em cuja recomendação o pintor há posto todo seu esmero. E o que seria da humanidade, da sociedade mesma, se o viver se limitasse ao namoro, e o restante da vida se devesse escoar na indiferença, senão na reprovação e no desprezo? Bem resumida enfim uma tal obra, veremos restar mais do que um fardo de termos alambicados, entre os quais, os da virgem, perfumes e poesia – abundam a importar um terrível fartão, e fazer temer se não atenuante, enfraqueça o ideal sublime, que lhes é inerente (AMAZONAS, p. 84-5).

Temos sintetizado aí o processo de escrituração da obra literária através do debate sobre os modismos de composição das personagens e seu entrelaçamento com a intriga presente no texto. Afinal, que leituras podem ser feitas dessa passagem? Pensamos que sejam reflexos de um sistema cultural vivenciado por Lourenço Amazonas e transposto para a ficção. Ou seja, sua inscrição num círculo de romancistas brasileiros que, no período do romantismo brasileiro, refletem sobre os mesmos temas e estruturas romanescas para tentar instituir uma tradição literária. Mais que isso, os procedimentos de leitura que aparecem narrados acima nos levam a tomar a escrita de Lourenço Amazonas, não como um homem localizado, mas um ficcionista que reflete sobre as condições de produção romanesca do seu tempo, tornando-o um artista da palavra extremamente afinado com as abordagens culturais correntes na segunda metade do século XIX. Como bem enfatiza Machado de Assis, “o que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço”.

Pelo direcionamento dado por Machado de Assis, podemos entender a escrita de Amazonas no universo do sentimento íntimo, ou seja, a singularidade com que trata o imaginário amazônico, colocando-o num lugar discursivo que estabelece relações com outros imaginários da cultura histórico-literária do mundo. O artista da palavra faz isso através do entrelaçamento do tempo e espaço amazônico como telas de um imaginário que ultrapassa as estampas literárias brasileiras e atinge os contornos do gênero romanesco privilegiado no século XIX: o romance.

Definitivamente, o instinto de nacionalidade predominante nos trópicos brasileiros estende-se pelas regiões culturais da Amazônia para se projetar num quadro literário pintado por distintos imaginários culturais instituídos pela historiografia do romance mundial.

Conclusão

O palco de interpretação do **Romance e história: circulação e margens** em que nos movimentamos permitiu apresentar os (não) lugares do imaginário como espaços da cultura nos quais divisamos olhares difusos sobre a grande tela que é a Literatura. Desse modo, a perspectiva de observar os instintos de nacionalidade através do entre-lugar da história e do romance nos possibilitou ainda propor a prática do exercício da análise literária para pensarmos as redes imaginárias estabelecidas entre os círculos intelectuais formados por artistas da palavra que se ligam por meio do gênero romanesco.

Por acreditar que a esfera epistemológica da Historiografia, Teoria e Crítica Literárias permite realizar a análise das estampas do imaginário cultural brasileiro, tomamos a ficção amazônica como foco de nossa discussão para dizer que é necessário realizar a cartografia dos (não) lugares, na intenção de discutirmos os excessos e as margens no cânone literário, não para categorizar, mas apontar as fraturas, os silenciamentos/apagamentos da memória literária obras que nos dizem muito sobre a formação do instinto de nacionalidade criado no painel literário brasileiro do século XIX.

É nas palavras de Machado de Assis que encontramos ressonância não para concluir os movimentos realizados aqui, mas para continuarmos a refletir sobre a circulação e as margens nos espaços da Literatura onde nos colocamos como pesquisadores do imaginário cultural brasileiro:

Viva imaginação, delicadeza e força de sentimentos, graças de estilo, dotes de observação e análise, ausência às vezes de reflexão e pausa, língua nem sempre pura, sem sempre copiosa, muita cor local, eis aqui por alto os defeitos e excelências da atual literatura brasileira, que há dado bastante e tem certíssimo futuro.

Referências Bibliográficas

- [1] AMAZONAS, Lourenço da Silva Araújo. *Simá – Romance Histórico do Alto Amazonas*. Ed Valer, Manaus, 2003.
- [2] ARISTÓTELES. *Arte poética*. Tradução Pietro Nasseti. Martin Claret, São Paulo, 2006.
- [3] CHIAPPINI, Ligia. *Velha Praga? Regionalismo literário brasileiro*. In. América Latina: Palavra, Literatura e cultura. Vol. 2 Emancipação do Discurso. Org. Ana Pizarro. Editora da UNICAMP, Campinas, 1994.

------. *Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura*. Disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/170.pdf>

SOUZA, Márcio. *A expressão Amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo*. Alfa-Omega, São Paulo, 1977.